

A AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO JOGO DE XADREZ NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

<https://doi.org/10.5902/2318133886809>

José Aparecido Alves Pereira¹
Maisa de Araújo Rodrigues²

Resumo

O jogo de xadrez gradativamente ganhou espaço nas escolas brasileiras, como recurso pedagógico no desenvolvimento de habilidades cognitivas e intelectuais. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi avaliar o ensino e aprendizagem das regras do jogo de xadrez numa escola municipal de Guanambi/BA. Optou-se, partir de uma abordagem qualitativa, pela pesquisa de campo, com uma amostra formada por duas turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental. A coleta de dados envolveu observação e diário de campo, interpretados pela análise de conteúdo. Os resultados mostraram a necessidade do professor repensar sua forma de ensino das regras do xadrez, atentar para o número de alunos por turma e pelo tempo de duração das atividades. Por fim, detectou-se que fatores de ordem disciplinar, escolar e familiar impediram a realização de ao menos um quarto das aulas de xadrez.

Palavras-chave: xadrez; avaliação da aprendizagem; escola pública; Uneb.

EVALUATION OF THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF THE GAME OF CHESS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Abstract

The game of chess is gradually gaining space in Brazilian schools as a pedagogical resource in the development of cognitive and intellectual skills. In this sense, the objective of this study was to evaluate the teaching and learning of the rules of the game of chess in a municipal school in Guanambi/BA. We opted for field research within a qualitative approach with a sample made up of two classes from the 2nd and 3rd year of elementary school. Data collection was through observation and field diary, and interpreted through content analysis. The results showed the need for teachers to rethink their way of teaching chess rules by paying attention to the number of students per class. A semester with two weekly classes was not enough to master the rules. Finally, it detected that disciplinary, school and family factors prevented at least a quarter of chess classes from being held. Key-words: chess; learning evaluation; public school; learning; Uneb.

¹ Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil. E-mail: jaapereira@uneb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2590-8045>

² Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil. E-mail: isagbi@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1738-9824>.

Crerios de autoria: José Aparecido Alves Pereira: orientação; revisão e aprofundamento da análise; correção e redação. Maisa de Araujo Rodrigues: concepção; coleta de dados; análise de dados; redação.

Recebido em 23 de fevereiro de 2024. Aceito em 17 de abril de 2024.



Introdução

meu contato com o xadrez ocorreu no ano de 2005, por meio de um projeto de extensão da Universidade do Estado da Bahia, campus XII, período em que cursava a 5ª série do ensino fundamental em uma escola municipal de Guanambi/BA. A prática do jogo era realizada uma vez na semana, quando praticávamos o jogo pelos pátios da escola. A prática do jogo de xadrez não ficava restrita à escola, íamos para nossas casas e jogávamos nos passeios. Era uma alegria poder levar os jogos para casa nos finais de semana.

Ao ingressar no curso de Pedagogia do campus XII da Uneb, logo me interessei pela monitoria de extensão que trabalhava com o projeto de xadrez. Porém, o mesmo não teve continuidade depois de oito anos seguidos. Assim, decidi realizar o trabalho de conclusão de curso sobre o jogo de xadrez. Desse modo, nasceu à inquietação de avaliar o ensino e acompanhar o aprendizado do xadrez no segundo e terceiro anos iniciais do ensino fundamental, por conhecer as dificuldades enfrentadas pelas professoras e pela escola no processo de alfabetização.

O jogo de xadrez, além de trabalhar as habilidades psicomotoras, lida com a ética, a vontade de vencer, a capacidade de elaborar e analisar jogos trabalhando estratégias (Melo, 2015). Assim, o xadrez tem ganhado muito espaço nas escolas brasileiras, sua importância tem sido percebida em diversas áreas, em especial na educação o que proporciona uma melhora no desenvolvimento de habilidades cognitivas e intelectuais, além de possuir um viés social. O xadrez se tornou uma poderosa ferramenta educativa e devemos considerá-lo como um importante recurso pedagógico a serviço da educação como mostra alguns estudos realizados por Garcia (2011), Silva (2009), e, Silva (2004).

Para ensinar e aprender a jogar xadrez, requer-se habilidade e conhecimento técnico e metodológico para que os alunos aprendam as regras do jogo de xadrez. Nessa linha, as questões de pesquisa foram se delineando no processo em virtude dos vieses que foram surgindo nas primeiras aulas. Assim, este estudo teve três questões de pesquisa: como a professora/monitora autoavalia sua aula e a sequência didática de ensino do jogo de xadrez? Qual o nível de domínio e desenvolvimento do aprendizado do jogo de xadrez em um semestre letivo? Quais as técnicas utilizadas no ensino e aprendizagem do jogo de xadrez nos anos iniciais do ensino fundamental? Para responder essas questões o objetivo desta pesquisa foi autoavaliar a aula e a sequência didática do processo metodológico de ensino das regras do jogo de xadrez, e no exercício da prática enxadrística acompanhar a percepção e o nível de domínio e aprendizagem destas regras, por alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de Guanambi/BA.

Caminhos metodológicos

A abordagem adotada foi a de tipo qualitativa, por meio de pesquisa de campo. A abordagem quantitativa também foi utilizada, em menor escala, para levantar um breve perfil dos alunos participantes e a partir dos dados coletados estabelecerem o seu grau de aprendizagem (Minayo, 1994; Bogdan; Biklen, 1994).

A pesquisa foi realizada numa escola municipal, localizada num bairro periférico da cidade de Guanambi/BA. Os participantes foram alunos com idade média de sete e oito anos, que cursavam o 2º e 3º ano do ensino fundamental no turno vespertino. As aulas ministradas foram distribuídas em duas aulas por semana com duração de 50 minutos cada,

totalizando uma carga horária duas horas aula semanais. Inicialmente, os dias de aula eram na terça-feira e sexta-feira, posteriormente, mudamos para as terças e quintas. As aulas ocorriam em uma sala cedida pela direção da escola, atendendo 54 alunos, dos quais vinte e oito alunos do 2º ano e vinte e seis do 3º ano. A escolha dos participantes ocorreu por serem alunos dos anos finais do ciclo de alfabetização e as únicas turmas do turno vespertino.

No decorrer da pesquisa, houve alteração quanto ao tempo de duração das aulas e seus respectivos dias, para garantir um melhor aproveitamento. Vale destacar, que durante o desenvolvimento desta pesquisa alguns alunos deixaram de frequentar as aulas, por trocarem de escola e outros ingressaram, no decorrer das aulas principalmente na turma do 3ºano “B”, o que ocasionou um maior número de alunos com baixa média de frequência.

A coleta dos dados ocorreu durante as aulas ministradas, por meio da observação sistemática e registro do desempenho dos alunos no decorrer das práticas enxadrísticas. Com base em observações, registro e autoavaliação foi possível avaliar as práticas metodológicas utilizadas no ensino do jogo de xadrez, desde a postura em classe, relações entre os participantes e acompanhamento da prática do jogo de xadrez entre os alunos. Em relação à aprendizagem do jogo de xadrez, utilizamos a observação e registro para acompanhar as fases do aprendizado, a socialização com os colegas e domínio das regras do jogo.

O trabalho metodológico foi pautado em elementos teóricos e práticos. Os conteúdos teóricos foram expostos a partir da história do jogo de xadrez, nome das peças, movimentos, início, meio e fim de jogo, além dos movimentos especiais, postura e respeito ao adversário durante a partida. Os dados obtidos na observação foram registrados e distribuídos em tabelas, para organizá-las por categorias para destacar o progresso de cada aluno e das turmas. O mesmo procedimento também foi feito para compreender a prática pedagógica da professora/monitora de xadrez da turma. A análise dos dados foi feita por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo.

O jogo de xadrez no mundo, na escola e nas teorias da aprendizagem

Muitas são as histórias contadas sobre o xadrez, mas há um consenso sobre seu surgimento. Segundo Lasker (1999), a origem do xadrez ocorreu na Índia, há mais de 10 mil anos, quando foi criado por Sessa que pertencia à corte do rajá indiano Balhait, podendo ser encontrada numa belíssima versão em Malba Tahan (1991). Conta à lenda que um monarca indiano vivia infeliz lamentando a ausência de seu amado filho que havia ido para a guerra. Não havia no reino nada que fizesse o rei se sentir feliz. Um dia o rei foi surpreendido por um jovem chamado Sessa, que apresentou ao monarca um tabuleiro composto por 64 quadradinhos, e 32 peças. O jovem ensinou ao rei e aos nobres da corte os movimentos das peças os quais ficaram maravilhados, principalmente o rei que voltou a sorrir depois de tanto tempo.

Sessa mostrou ao rei, pelo jogo de xadrez, que para se vencer uma batalha é preciso sacrificar algumas peças, no caso do rei o sacrifício do seu filho que foi para a guerra. O rei ficou tão feliz que disse ao jovem que escolhesse o que quisesse como prêmio, mas, Sessa não queria ser recompensado e o rei se sentiu muito ofendido, para não ofender o rei, Sessa

falou: Meu rei eu irei receber o meu prêmio em grãos de trigo. O meu prêmio será pago da seguinte forma, na primeira casa do tabuleiro eu quero um grão de trigo, para a segunda dois, para a terceira quatro, e assim até chegar na casa 64.

Diante da solicitação de Sessa o rei ficou muito chocado, pois acreditava ser muito pequeno o prêmio rindo da simplicidade do jovem e pediu aos matemáticos do reino para que calculassem o valor do prêmio. Após os cálculos, veio a grande surpresa, o valor do prêmio pedido por Sessa era de 18 446 744 073 709 551 615! Diante da imensa quantia, o rei foi avisado por seus matemáticos que não conseguiria pagar o que havia lhe pedido Sessa. O rei ficou muito envergonhado, pois pela primeira vez não conseguiria pagar uma dívida, porém o jovem brâmane perdoou a dívida e ensinou mais uma lição ao rei, lhe mostrou que não se pode julgar nada premeditadamente. O rei ficou muito feliz com o presente e a atitude do jovem que o nomeou seu conselheiro, e ordenou que o jogo fosse ensinado a todos do reino (Tahan, 1991).

A partir do seu surgimento na Índia, viajantes foram os responsáveis pela sua disseminação na Pérsia, Arábia, Europa e outros países asiáticos. No Oriente, algumas modificações ocorreram na forma de jogar, nomear as peças e compor o tabuleiro, algumas originárias do xadrez e outras que não se atribui ao jogo original indiano (Lasker, 1999). Na Europa, o xadrez se disseminou com muita rapidez. Foi no continente europeu que o jogo passou por uma transformação vindo a ser composto pelas peças atuais que se conhece, referência as características do período medieval. O nome das peças passou modificações em diferentes países europeus em relação aos seus movimentos e nomes árabes. Originalmente as peças eram conhecidas como peões, elefantes, corcéis, vizires, rainha, rei e hoje são conhecidas como peões, torres, cavalos, bispos, rainha e rei.

Acredita-se que no Brasil as primeiras partidas de xadrez foram jogadas no período do seu descobrimento, durante a estada de Pedro Alvares Cabral, tendo como um dos grandes fãs do jogo Pero Vaz de Caminha. Também se pode dizer que no período colonial quando D. João VI, rei de Portugal, e sua comitiva aqui desembarcaram em 1808, trouxeram consigo um exemplar impresso sobre o jogo e vários praticantes (Benasse, 2002). A partir daí a disseminação do jogo de xadrez cresce por meio da organização de associações, clube e federações de xadrez, e conseqüentemente o campo escolar. Inúmeras instituições escolares já têm o xadrez como componente curricular ou projeto alternativo, visto que sua prática favorece o desenvolvimento de inúmeras competências e habilidades, além de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem, pois sua prática envolve: cálculo, concentração, responsabilidade e a tomada de decisões, habilidades que são reforçadas. Em algumas cidades pode-se encontrar nas praças praticantes de xadrez, além dos torneios organizados pelos clubes e federações de cada Estado e no âmbito nacional pela Confederação Brasileira de Xadrez.

Quando se fala em xadrez na escola, muitos podem pensar no jogo como um esporte inserido nas atividades recreativas da mesma, ou seja, apenas um instrumento de diversão para os seus praticantes, com desprezo das suas contribuições para a aprendizagem dos alunos.

Muito se fala hoje em xadrez escolar, mas poucos realmente sabem do que se trata. A grande maioria que se refere ao assunto trata o xadrez escolar simplesmente para desenvolver o desporto de xadrez dentro das escolas como uma atividade a mais entre as diversas modalidades esportivas

oferecidas. Neste caso, a nosso ver, respeitadas as devidas proporções, a modalidade é oferecida como nos clubes. O xadrez, porém, praticado nos clubes e voltado essencialmente para o aspecto competitivo (como desporto) não supre todas as exigências educacionais. Faz-se mister, seja trabalhado de forma pedagógica, como um verdadeiro instrumento educacional; daí a designação de xadrez escolar. (Rezende, 2002, p. VII)

Atualmente, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos professores no que diz respeito à alfabetização, é a falta de concentração, pois se considera que esse fator prejudica o processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, é evidente a necessidade de se buscar estratégias pedagógicas que contribuam para que essas habilidades possam vir a ser desenvolvidas ou aprimoradas com o objetivo de melhorar o desempenho escolar dos alunos. Nesse sentido,

a educação moderna volta-se cada vez mais para encerrar o ciclo do ensino por adestramento, pela aprendizagem consciente, onde o aluno é estimulado continuamente a aprimorar a sua capacidade de pensar. Neste particular, o xadrez é uma atividade primordial por excelência, não só por atender às características de desporto estimulando entre outros o espírito competitivo e a autoconfiança, como adequando-se sobremaneira às exigências da Educação moderna. (Rezende, 2002, p. IX)

O uso do xadrez na escola pode trazer muitos benefícios educacionais, devido as suas características lúdicas e pedagógicas, favorecendo o trabalho do professor e o aprendizado do aluno. A sua inserção no currículo escolar é um desafio diante das inúmeras temáticas que vêm sendo incorporadas na matriz curricular das instituições. Muitas escolas apresentam o xadrez como uma disciplina, outras como um projeto alternativo em Educação Física, Matemática ou Artes.

Silva (2002), destaca algumas das características do jogo e suas implicações educativas, conforme quadro a seguir.

Quadro 1 –

Características e implicações educacionais do jogo de xadrez.

Características do xadrez	Implicações nos aspectos educacionais e de formação no caráter
Fica-se concentrado e imóvel na cadeira.	O desenvolvimento do autocontrole psicofísico.
Fornecer um número de movimentos num determinado tempo.	Avaliação da estrutura do problema e do tempo disponível.
Movimentas peças após exaustiva análise de lances.	Desenvolvimento da capacidade de pensar com abrangência e profundidade.
Após encontrar um lance, procurar outro melhor.	Tenacidade e empenho no progresso contínuo.
Partindo de uma posição a princípio igual, direcionar para uma conclusão brilhante (combinação).	Criatividade e imaginação.
O resultado indica quem tinha o melhor plano.	Respeito à opinião do interlocutor.

Dentre as várias possibilidades, escolher uma única, sem ajuda externa.	Estímulo à tomada de decisões com autonomia.
Um movimento deve ser consequência lógica do anterior e deve apresentar o seguinte.	Exercício do pensamento lógico, autoconsistência e fluidez de raciocínio.

Fonte: Silva (2002).

O trabalho conjunto entre metodologias inovadoras e a boa aceitação dos alunos acarreta na melhoria das condições de trabalho do professor e na aprendizagem dos alunos, pois ao se tornar uma atividade prazerosa o xadrez pode despertar nos seus praticantes a vontade de jogar e de aperfeiçoar a sua prática.

A aprendizagem pode ser conceituada como um processo externo no qual o desenvolvimento não se envolve ativamente. Esta simplesmente se utiliza dos avanços do desenvolvimento, em vez de modificar seu curso (Vygotsky, 1994). Apesar de não significar desenvolvimento, a aprendizagem, quando organizada corretamente, conduz ao desenvolvimento mental, ativando grupos de processos necessários ao desenvolvimento que não ocorreria sem ela. “Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolva na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente” (Vygotsky, 1988, p. 115).

A psicologia proposta por Vygotsky (1988) sobre jogos e sua utilização nas escolas, pode ser destinada para o xadrez, uma vez que os objetos utilizados no jogo possuem significados distintos. O tabuleiro e as peças representam o campo de batalha e os dois exércitos que se enfrentam numa situação imaginária, na qual o importante é capturar o rei oposto. Essa atividade proporciona aos seus jogadores a aquisição ou melhoramento de habilidades cognitivas e sociais.

A aprendizagem só ocorre quando há um estímulo, resultando de uma ação conjunta entre aquele que aprende e o educador, ou parceiro mais experiente. Na aquisição de um objeto, faz-se necessário que o aprendiz reproduza como o mesmo é usado socialmente.

Essa concepção de aprendizagem traz, para a reflexão pedagógica, a compreensão de que a aprendizagem não resulta de um processo de criação, mas de um processo de reprodução do uso que a sociedade faz dos objetos, das técnicas e mesmo das relações sociais, dos hábitos, da língua. (Mello, 2004, p. 145)

É preciso estabelecer as relações existentes entre a utilização de metodologias inovadoras e a aprendizagem, adotamos para nossa pesquisa o princípio de que aprendizagem proporciona desenvolvimento humano, pautando-se na criança como um ser social e dotado de vontades. Sabe-se que os motivos que elevam a aquisição de conhecimentos não são inatos, são ensinados para as crianças conforme o seu desenvolvimento.

De acordo com a teoria do desenvolvimento humano de Jean Piaget, os sujeitos da pesquisa estão no período da inteligência operatória concreta, na qual o indivíduo já consegue estabelecer relações de causa e efeito, sequenciar eventos e ideias, trabalhar simultaneamente com dois pontos de vista. As crianças começam a desenvolver a

capacidade de cooperação, facilitando o trabalho em grupo, na qual as mesmas passam a elaborar as formas próprias de organização, estabelecendo regras que são reconhecidas e respeitadas por todos (Campos, 2010).

Outro conceito a ser trabalhado será o da aprendizagem cognitiva, pois no seu processamento, há o predomínio dos elementos intelectuais, como o raciocínio, percepção, memória etc. (Campos, 2010). Esse conceito de aprendizagem se encaixa com o jogo de xadrez por envolver habilidades que são necessárias à sua prática. O modelo de equilíbrio de Piaget é também um importante aliado para a aprendizagem, pois impulsiona o desenvolvimento da criança, por meio da sucessão ontogenética. Destaca-se no processo de aprendizagem duas fases a de assimilação e a de acomodação, em conjunto elas resultam em aprendizagem.

Ao dominar o jogo de xadrez, e associá-lo às demais atividades do cotidiano, o aluno poderá notar avanços significativos no que diz respeito a sua capacidade de concentração e síntese, auxiliando assim no melhor desenvolvimento das mesmas.

Os conceitos de aprendizagem irão nos auxiliar no processo de ensino do xadrez, pois possibilitará compreender como os sujeitos aprendem, sendo que cada aluno possui suas especificidades e cada teórico aborda uma forma diferenciada de aprendizagem, portanto, nesse estudo utilizaremos as concepções de Vygotsky e Piaget.

A avaliação da aprendizagem: conceito, instrumentos e práticas no ensino e aprendizagem do jogo de xadrez

No processo de ensino-aprendizagem do jogo de xadrez pelos alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental, foi preciso adotar instrumentos avaliativos para conhecer o grau de aprendizado. Para tal, adotamos a observação e o registro, pois por tratar-se de algo mais prazeroso para os alunos, o aprendizado do jogo não poderia ser avaliado com os instrumentos usualmente adotados pela escola. A observação e registro como instrumentos de avaliação estão interligados no acompanhamento da aprendizagem, pois por meio destes é possível identificar, os avanços e retrocessos. Quanto mais próximos os dois processos estiverem, irão facilitar a compreensão e o consequente ajuste do ensino de modo a favorecer a aprendizagem.

O registro das observações em fichas facilitou acompanhar o desenvolvimento dos educandos. Através dessa prática avaliativa, o professor pode fazer uma análise sobre a sua prática e o desenvolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, e neste caso no domínio das regras do jogo de xadrez. Para esta pesquisa adotou-se, em alguns momentos, a observação participante, por estarmos inseridos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, no qual o observador passará de agente passivo para um sujeito participante da ação.

Esses instrumentos, na prática avaliativa da aprendizagem do jogo de xadrez, contribuíram para perceber os avanços de cada aluno de forma gradativa pelo professor/monitor. Possibilitou uma comparação entre o início, meio e fim do processo, por meio de fichas e registros feitos no diário de campo do pesquisador. O processo avaliativo é feito de forma contínua, e visa sempre acompanhar o desenvolvimento gradual do aluno para que permaneçam interessados no que está sendo ensinado.

Vasconcellos (1998, p. 85) vê “a avaliação da aprendizagem como acompanhamento e transformação do processo de ensino-aprendizagem: observação, registro, análise, comunicação e tomada de decisão”. O processo de avaliação da prática do jogo de xadrez envolve a observação, o registro do domínio das jogadas, a análise do nível e potencial do aluno para comunicar e tomar as decisões conforme o planejamento. Isso envolve também a observação e o registro da prática do professor/monitor por meio da sua autoavaliação. É uma forma de captar a distância entre as intenções e o concreto, tanto por parte do aluno como do professor/monitor. A reflexão sobre sua prática vai aperfeiçoando e tornando os caminhos metodológicos mais claros e fáceis quanto às técnicas e modos de ensinar o jogo de xadrez.

As observações e representações do professor/monitor sobre suas práticas metodológicas e a prática enxadrística dos alunos, faz brotar intervenções pontuais e de regulação do ensino e das aprendizagens. Segundo Perrenoud (1999), é melhor falar de observação formativa que em avaliação com sentido classificatório e de medida, como está tão associada. Logo, “observar é construir uma representação realista das aprendizagens, de suas condições, de suas modalidades, de seus mecanismos, de seus resultados” (p. 104). A observação pode ser intuitiva, ser aprofundada ou superficial, rigorosa, longa ou curta, qualitativa ou quantitativa, sem excluir, a princípio, nenhuma informação ou percepção observada, mas uma observação limitada não orienta uma intervenção satisfatória e não propicia a equidade da avaliação da aprendizagem. No entanto, é preciso cuidado para reconhecer as dificuldades de cada um dentro da equidade da avaliação, pois a aprendizagem é um processo individual influenciado pelo meio social e familiar.

A autoavaliação foi um instrumento a serviço da melhoria da prática e de reconhecimento das limitações metodológicas no ensino das regras do jogo de xadrez. O olhar externo do orientador serviu para que pudesse perceber práticas que até então não me atinha, e rever posturas, olhares, formas de tratamento e organização da sala de aula de xadrez. Assim, a pesquisa colaborativa na sala de aula contribuiu para o desenvolvimento da autoavaliação, heteroavaliação e coavaliação do processo de ensino e aprendizagem. A partir das observações externas pude refletir com mais segurança sobre minhas práticas metodológicas, observar, registrar e comparar o processo de ensino e aprendizagem do jogo de xadrez.

Resultados e discussões

No Município de Guanambi/BA, mais especificamente numa escola, localizada num bairro periférico, no período de 2005 a 2011, funcionou um projeto de extensão de xadrez na escola para estudantes da 2ª a 8ª série coordenado pelo campus XII da Uneb. O fato de ser uma das alunas daquele projeto foi a motivação para realizar essa pesquisa na mesma instituição.

A princípio a proposta dessa pesquisa era realizar um trabalho para acompanhar e avaliar o processo de ensino e aprendizagem das regras do jogo de xadrez por crianças do 2º e 3º ano do ensino fundamental. No entanto, ao longo do processo no diálogo constante durante as aulas com o orientador surgiram algumas variáveis, e a mais forte no nosso entendimento foi a minha prática como professora/monitora de xadrez pela primeira vez. Embora com mais de dez anos de prática e domínio dos conhecimentos históricos, expansão e aspectos metodológicos do jogo de xadrez, o desenvolvimento de um trabalho

era algo novo, mesmo no último ano do curso de Pedagogia. Isso despertou a necessidade de ao longo do processo desenvolver um trabalho reflexivo de autoavaliação das minhas práticas metodológicas nas aulas de xadrez, a partir do diálogo com meu orientador, considerando sua experiência no ensino do jogo para estudantes do ensino fundamental, professores da educação básica e estudantes de graduação. Assim, inserimos nesta análise a autoavaliação das minhas aulas e suas relações com o ensino e aprendizagem das regras do jogo de xadrez.

Durante as aulas de xadrez que ministrei, percebi o quanto a concepção de aula que o professor tem é importante, pois é esta que irá nortear todo o seu trabalho na sala de aula e no planejamento. No começo acreditava que os conhecimentos técnicos que já possuía sobre o jogo de xadrez seriam suficientes para ministrar as aulas. Porém, no decorrer das mesmas, percebi que apesar de se tratar de um jogo, o ensino do xadrez necessita de diversos conhecimentos que estão presentes na formação do professor/monitor e na própria alfabetização dos alunos.

Mesmo concluindo a formação inicial, senti dificuldades no trabalho de ensino das regras do xadrez. Embora com as experiências dos estágios supervisionados, o controle de classe foi uma dificuldade devido ao número de alunos para trabalhar os aspectos teóricos e práticos, mesmo com o planejamento prévio. Nas primeiras aulas acreditava que os conhecimentos que possuía sobre o jogo de xadrez, juntamente com a experiência do estágio, conseguiria desenvolver um bom trabalho e contemplar os objetivos desta pesquisa. Nas primeiras seis aulas este pressuposto se sustentou, por se tratar de aulas teóricas os alunos aparentavam estar compreendendo o assunto. Quando iniciamos as aulas práticas com o uso dos jogos, percebi que estava enganada quanto à aprendizagem dos alunos em relação à movimentação das peças. Os alunos conseguiam reconhecer o Peão, Cavalo, Torre, porém, confundiam o Bispo com o Peão e não sabiam diferenciar quem era o Rei e a Dama. Neste momento percebi que o número de aulas teóricas, conforme planejado, antes da inserção do jogo físico, foram insuficientes para a compreensão dos mesmos.

Ao iniciar as aulas práticas, pude notar os avanços de alguns alunos para com o jogo, porém esse número era pequeno e causou um desânimo temporário sobre a aprendizagem das regras do jogo. Após essa observação, compreendi a necessidade de autoavaliar as aulas. Percebi que a autoavaliação, registrada no meu diário de campo permitiu a análise contínua do trabalho, o que foi possível compreender e identificar o que poderia ser feito, o que garantiu um avanço na aprendizagem. Autoavaliar-se não é uma tarefa simples, compreender e aceitar os erros cometidos no decorrer do caminho pode não ser tão fácil, essa tarefa implica diálogo, reflexão, autocontrole, autoregulação e tomada de decisão sobre os melhores caminhos a seguir (Villas Boas, 2008).

No decorrer desses quase seis meses, compreendi a importância de sempre refletir sobre a prática docente, o quanto uma boa formação desde o início da vida escolar faz diferença. Após as observações que fiz, percebi quais foram os meus erros e acertos durante as aulas, o que me possibilitou compreender de fato a importância da flexibilidade do professor quanto ao seu planejamento, que apesar dos objetivos que são traçados para o desenvolvimento de nossas aulas, em alguns se faz necessário adaptá-lo às especificidades dos alunos.

As aulas, que inicialmente tinham duração média de 50 minutos, passaram a ter o tempo reduzido para 40 minutos, pois após algumas aulas percebi que parte dos alunos se ausentava da sala de xadrez. O tempo da aula se tornou desgastante para alguns, sendo estes os que mais possuíam dificuldade no aprendizado do jogo. Em conversas com o orientador, percebemos que a pesquisa tornou-se mais complexa do que foi proposto inicialmente. Foi possível analisar que se tratando do jogo de xadrez, faz-se necessário um número maior de professor/monitor, ou seja, ao menos um para cada dez alunos. Percebemos que o atendimento as duplas individualmente, foram prejudicados por conta do grande número de alunos. Nesse aspecto, cabe ressaltar que alguns alunos deveriam ter uma atenção maior, pois pouco participava das aulas. Porém, devido ao curto tempo e a ausência de monitores não foi possível.

O planejamento da sequência didática das aulas de xadrez era realizado semanalmente, ao passo que procurava também avaliar a motivação dos alunos em relação aos conteúdos, a frequência e envolvimento. Os primeiros conteúdos foram voltados para a história do jogo de xadrez, desde as suas origens. Para tanto, utilizamos um mural didático de xadrez para apresentar as peças, um mapa mundi para mostrar os países e continentes onde o jogo surgiu e desenvolveu, e o vídeo *Uma aventura no reino do xadrez*. Todos se sentiram motivados diante das metodologias utilizadas, embora ainda não tivessem compreensão cartográfica do mapa para localizar os países onde as práticas enxadrísticas desenvolveram.

A estratégia de uso do mapa foi uma forma de ampliar o horizonte das crianças que ainda não tinham o hábito de manuseio cartográfico. Buscamos, com isso, oportunizar aos alunos uma leitura do mapa e localização dos países em seus continentes. Nas quatro primeiras aulas foi trabalhada a história do jogo de xadrez, seu surgimento na Ásia e expansão para Europa e demais continentes, o vídeo *Uma aventura no reino do xadrez*, e o nome das peças. A partir daí, foi possível rever a metodologia inicial e conclui que antes de trabalhar o nome das peças, faz-se necessário trabalhar a letra e número das casas do tabuleiro, pois isso irá permitir um trabalho envolvendo a arte e a matemática. Ao mesmo tempo, teriam maior facilidade para arrumar as peças nas suas casas iniciais.

Assim, foi possível autoavaliar, repensar e concluir que nas primeiras seis aulas, o trabalho deve ser com base nos seguintes conteúdos: origem do jogo de xadrez, demonstração no mapa mundi sobre os continentes e países de onde se fala, o tabuleiro com seu número de casas (64), e a localização por meio do número e letra. Na sequência, trabalhar o nome das peças, localização no tabuleiro e um exercício de pintura do tabuleiro, das peças, e colagem nas casas originais (a1, b1, c1, d1, e1, f1, g1, h1, e, a8, b8, c8, d8, e8, f8, g8, h8).

Ressalta-se, que a fase dos seis aos nove anos as crianças são espontâneas e muitas vezes inquietas, pois nem sempre todos tem aptidão para o jogo ou atividades artísticas. Isso requer do professor habilidade, diálogo e postura para negociar com os alunos regras de convivência para ensino e aprendizagem.

Nas turmas dessa pesquisa, havia a inquietude de ao menos 20% dos alunos que solicitavam licença para ir ao banheiro ou tomar água. O uso de garrafas de água durante os 40 minutos da aula era outro fator que interferia de alguma forma na concentração dos

alunos, seja na atenção as aulas expositivas ou na prática dos movimentos das peças. Logo, discutir regras de acesso e permanência nas aulas de xadrez foi fator importante para o bom andamento do processo de ensino e aprendizagem.

A postura do professor de xadrez na organização e orientação dos alunos é fator preponderante no ensino e aprendizagem. Constatamos que o trabalho de orientação para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, na fase inicial de aprendizagem das regras, não deve ter mais que cinco duplas para um professor. Quando submetido a orientar a classe com mais de cinco duplas, não foi possível o atendimento satisfatório e a maioria dos alunos que não eram orientados de imediato efetuavam movimentos errôneos ou duvidosos que comprometia a sequência didática.

Na sequência didática o trabalho com os três movimentos especiais - roque, *en passant*, promoção do peão -, não foram compreendidos pelos alunos antes da 20ª aula, embora tenha sido trabalhado na 9ª aula. Os movimentos especiais que os alunos compreenderam com maior facilidade foram a promoção do peão, embora muitos tivessem a impressão que qualquer peça que alcançasse a primeira casa do adversário deveria ser promovida. Essa dúvida foi muito forte e mereceu orientações específicas e constantes. O roque foi assimilado por uma minoria a partir da 20ª aula e havia dúvidas para realização desse movimento especial. O *en passant* foi o terceiro movimento especial mais difícil de ser assimilado. A partir da 25ª aula ministradas não houve o domínio completo desse movimento, embora experimentassem. Assim, os três movimentos especiais não foram compreendidos pela grande maioria dos alunos.

O xeque-mate foi o movimento mais difícil de ser assimilado pelos alunos. Alguns conseguiram assimilar em partes a partir da 25ª aula. As diversas situações a que o Rei estava exposto ou a desatenção para a sua marcação dificultava a compreensão do xeque mate. Em 27 e 29 aulas não foi possível o domínio completo dos movimentos especiais e do xeque mate. Em algumas poucas situações, com a minha orientação, houve situações de xeque mate. Os estudantes arrumavam as peças, iniciavam a partida e detinham aos movimentos e capturas sem pensar em estratégias ou formas de final de jogo até porque havia muitas dúvidas acerca dos movimentos do cavalo, torre, bispo, dama e rei. O peão foi o movimento mais bem assimilado. Atribui-se a isso a quantidade de peões no jogo e sua fácil movimentação. Destacamos que apesar de um número significativo de aulas, as crianças não compreenderam como se ganha o jogo.

As dificuldades em assimilar os movimentos das peças no início se mostrou natural nas duas turmas, pois não dispõem de jogo de xadrez em casa para prática com familiares ou colegas. A prática limita-se as duas aulas semanais na escola. A constatação em relação à prática fora do ambiente escolar, nos levou a refletir que o empréstimo dos jogos de xadrez, ao menos nos finais de semana, contribuiria com o aprendizado dos movimentos.

A frequência dos alunos foi um fator que dificultou o andamento do trabalho. Na turma do 2º ano, com 26 alunos, a média de frequência às aulas foi de 82,62%, sendo que 16 alunos apresentaram frequência acima de 80%, dez 10 alunos com mais de 90% e seis com frequência entre 80 e 90%. Na turma do 3º ano com 23 alunos, a média de participação foi 68,53%: 12 alunos com mais de 80% de participação, sete alunos entre 80 e 90% e cinco com mais de 90% de frequência. A ausência oscilava em torno 15 a 20% e nos

obrigávamos a trabalhar os conteúdos vistos na aula anterior com os alunos que não estiveram presentes. De certa, forma era uma revisão para os demais, porém era necessários uma atenção e acompanhamento próximo daqueles alunos para saber o nível de compreensão.

As muitas ausências trouxeram prejuízos ao ensino e à aprendizagem das regras do jogo de xadrez, essa situação ao lado da agitação e inquietude de alguns alunos que tinham dificuldades para aprender e incomodava os demais. Além das ausências por motivos particulares/familiares, as aulas eram interrompidas por falta de merenda, água, véspera e prolongamento do feriado, datas comemorativas, atividades curriculares que extrapolavam a aula de xadrez, além da inquietude e indisciplina de alguns alunos, e outros que não tinham disposição para o jogo. Do total de aulas de xadrez planejadas no semestre, 30% delas não aconteceram por alguns dos motivos citados acima. Foram momentos que interferiram no trabalho de ensino e aprendizagem do jogo de xadrez, pois planejamos a realização de 40 aulas, em alguns momentos fazendo reposição em outro horário, mas não foi possível. Mesmo ao procurar as melhores estratégias para o ensino e aprendizagem do jogo não atingimos a meta de aula esperada. Em vários momentos não consegui dar atenção e acompanhar as duplas para sanar suas dúvidas e exigir maior esforço no aprendizado. A postura firme do professor/monitor de xadrez no controle dos limites em classe e acompanhamento dos alunos é fator que influi no desenvolvimento do ensinar e aprender.

Considerações finais

Inicialmente, nos propusemos buscar compreender como ocorreria o processo de ensino e aprendizagem do jogo de xadrez em um trabalho de pesquisa. No percurso, acompanhamos e avaliamos o ensino e aprendizagem das regras do jogo de xadrez e percepção dos alunos por meio de observações em torno da dinâmica da aula e da sequência didática.

No processo de trabalho, observamos que crianças de sete aos nove anos de idade não dominam as regras completas do jogo de xadrez num semestre letivo com duas aulas semanais, sem a prática enxadrística fora no âmbito escolar. Os movimentos especiais e o xeque-mate não teve a compreensão das diversas posições que ocupa no tabuleiro. O movimento das peças foi compreendido pela maioria, mas o processo de acompanhamento de um professor/monitor para mais de cinco duplas interferiu no domínio com maior autonomia dos alunos. A ausência de alguns alunos e a impossibilidade de aproveitamento do total de aulas no semestre, por motivos internos e externos, foram outros fatores que interferiram no nível de domínio das regras do jogo de xadrez. A percepção dos alunos sobre o jogo foi positiva, com motivação para as aulas. Após o período de um semestre, as duas turmas compreenderam os movimentos básicos, sendo que poucos foram os que compreenderam alguns princípios do xeque-mate.

Sugerimos aos professores/monitores de xadrez que desejam desenvolver um projeto desta natureza com crianças de baixa renda, que o empréstimo do jogo de xadrez aos alunos nos finais de semana é um excelente aliado para a compreensão do jogo. Além de praticá-lo em espaço fora da escola, levaria os alunos a despertar o maior interesse pelo jogo e a vontade de transmitir o que aprendeu para outras pessoas, efetivando assim o sucesso das aulas e ampliação da prática enxadrística. Um espaço adequado com mesas

e cadeiras propicia à prática do jogo de xadrez é outro elemento que facilita o desenvolvimento dos alunos. Mas a formação do professor/monitor de xadrez em torno do domínio técnico e metodológico é primordial para a aprendizagem das regras do jogo de xadrez com reflexos nas demais disciplinas do currículo escolar.

Referências

- ANDRADE, Rebeca Campos da Silva. *Jogos de regras como recurso de intervenção pedagógica na aprendizagem de crianças com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade*. Brasília: UNB, 2012. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília.
- ANGÉLICO, Lays Pedro; PORFÍRIO, Luciana Cristina. *O jogo de xadrez modifica a escola: por que se deve aprender xadrez e tê-lo como eixo integrador no currículo escolar?* *Revista Eletrônica da Faculdade Semar/Unicastelo*, v. 1, n. 1, 2010, p. 1-21.
- BARLOW, Michel. *Avaliação escolar: mitos e realidades*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BENASSE, Paulo Roberto. *Fundamentos do xadrez*. Porto Alegre: Bookseller, 2002.
- BOCK, Ana M. Bahia et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da Aprendizagem*. 38. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- GARCIA, Melquisedek Aguiar. *O xadrez no contexto escolar: pesquisa-ação com estudantes do ensino fundamental*. Brasília: UNB, 2011. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília.
- HADJI, Charles. *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 1995.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. *Perspectiva*, Florianópolis: UFSC/CED, NUP, n. 22, 1994, p. 105-128.
- LASKER, Edward. *História do xadrez*. São Paulo: Ibrasa, 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MEDEIROS, Carlos Henrique et al. *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- MELO, Wellington Aguiar de. *Influência da prática do xadrez escolar no raciocínio infantil*. Brasília: UNB, 2015. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília.
- MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. In: CARRACA, Kester (org.). *Introdução à psicologia da educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp 2004.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORETTO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de estudo – não uma acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- NOBRE, Fábio Cássio Ferreira. *Xadrez na escola: uma alternativa de atividade integrante do processo de formação*. Viçosa: UFV, 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Viçosa.
- PERRENOUD, Philippe. *Da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PONTE, Pedro da et al. O estudo de aula como processo de desenvolvimento profissional de professores de Matemática. *Bolema*, Rio Claro, v. 30, n. 56, 2016, p. 868-891.
- REZENDE, Sylvio. *Xadrez na escola: uma abordagem didática para principiantes*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.
- RIOS, Terezinha A. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, Ilma Passos (org.). *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas: Papyrus, 2008, p. 73-93
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, Rosângela Ramos Veloso. *Práticas pedagógicas no ensino-aprendizado do jogo de xadrez em escolas*. Brasília: UNB, 2009. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília.
- SILVA, Wilson da. *Curso de xadrez básico*. Curitiba: CEX, 2002. Disponível em: http://www.cex.org.br/html/ensino/Apostilas/pdf/apostila_completa.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022
- SILVA, Wilson da. *Processos cognitivos no jogo de xadrez*. Brasília: UFPR, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná.
- TAHAN, Malba. *O homem que calculava*. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- Vasconcellos, Celso dos S. *Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Libertad, 2000.
- Vasconcellos, Celso dos S. *Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação – do é proibido reprovar ao é preciso garantir a aprendizagem*. São Paulo: Libertad, 1998.
- VILLAS BOAS, B.M.F. *Virando a escola pelo avesso por meio da avaliação*. Campinas: Papyrus, 2008.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988, p. 103-117.
- VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre, Artmed, 1998.